

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 21 de Maio de 2014

Texto de referência: J. Carrón, O essencial para viver, em «CORRENDO PARA O ALCANÇAR», (texto dos Exercícios da Fraternidade de 2014), suppl. a Tracce-Litterae communionis, Maio 2014,(pp. 15-44 da versão italiana, NDT).

- *Ojos de cielo*
- *Aconteceu*

Glória

Tínhamo-nos dado como trabalho o início da primeira lição dos Exercícios da Fraternidade, no qual a questão essencial – do ponto de vista de qual é o fulcro da questão – é o que é que é o essencial para viver. Por isso, tudo quanto se diz é para nos ajudar a perceber o que é o essencial e como reconhecê-lo na experiência, para não serem tiros perdidos, disparados aqui e ali, sem que haja alguma coisa de verdadeiramente crucial na vida. Por isso começamos com esta questão.

De há algumas semanas para cá, tenho uma pergunta que não dá sinais de querer ir-se embora. No primeiro ponto de Sábado de manhã dos Exercícios, foi-nos feita a pergunta: quando é que foi a última vez em que, olhando nos olhos as pessoas amadas, experimentámos aquele alvoroço no coração? Quando é que vimos nos olhos delas os Seus olhos, que eliminam o todo inferno? Eu tenho bem presentes momentos, mesmo recentes, em que isto aconteceu: na forma como o meu marido olha para mim, na forma como alguns amigos me tratam, um olhar impossível para as suas forças, mas reflexo daquele único olhar que encheu a minha vida e me trouxe até aqui hoje. Dou-me conta, porém, que aquilo que vejo não faz surgir em mim uma posição nova para encarar os desafios da vida. O inferno volta e encontro-me novamente perdida diante das circunstâncias. Daqui surge-me uma dúvida: ou aquilo que vejo é sentimental, ou eu sou incoerente. Mas a mim não me interessa ser coerente, mas sim ter uma posição original diante das coisas! No ponto dois da lição, perguntas: «Diante dos desafios que temos de enfrentar: na minha resposta, na minha tentativa, o que é que veio ao de cima,[...], o que é que descobri em mim como essencial?». (p. 23 – da versão italiana NDT). Dou-me conta de que, diante das circunstâncias, fico substancialmente desorientada, e dizer que as circunstâncias são para o meu amadurecimento e são querida por Ele com um desígnio bom para a minha vida, torna-se quase um prémio de consolação, uma motivação para calar estas perguntas, para não ir ao fundo das mesmas, em lugar de se tornar uma esperança sincera e uma certeza nas quais me apoiar. O ponto é que ultimamente, isto me despedaça o coração, por isso peço-te uma ajuda sobre isto.

Ou seja: o que é verdadeiramente o essencial? Porque muitas vezes – como tu dizias – vivemos na dúvida de que o que aconteceu tenha sido puramente sentimental ou que nós sejamos incoerentes.

Em mim, a questão do essencial, na última Escola de Comunidade (e também no início do trabalho sobre os Exercícios) despertou um grande fascínio. E portanto, vivi os dias que tinha pela frente preso por este fascínio. Olhando um pouco para mim, e para alguns amigos em acção, e também conversando, dei-me conta de que o primeiro desafio – foi assim que o entendi para mim – da questão que lançaste sobre o essencial

é não a reduzir. De facto, reparei que muitas vezes a minha posição foi: bem, eu sei o que é o essencial, é inútil esconder-me, o essencial é Jesus, portanto devo procurar viver o dia dando-me conta disto. Mas assim, algum tempo depois, cansamo-nos das coisas e também daquele fascínio. Ao passo que esse fascínio se desperta quando eu vivo o que tenho que viver procurando ver o que é que eu afirmo como essencial para mim. Portanto, não um esforço sobre uma ideia boa em que eu acredito, mas uma surpresa de como é que eu me relaciono com a realidade, leal àquilo que sou, leal ao que a realidade é. Nesta segunda posição, em relação aos meus dias, o fascínio como que aumenta, porque sou como sou e a realidade é como é, não é necessário um esforço. E também quando surpreendo que o essencial para mim é outra coisa que não o que eu digo numa forma teórica, isto torna-se possibilidade para olhar para mim mesmo por aquilo que sou e não por aquilo que penso. No outro caso, pelo contrário, o único efeito é o enfraquecimento, até desaparecer, daquele fascínio inicial, e por isso passamos à questão seguinte.

Esta é uma questão de método crucial: o problema é viver, que eu comece verdadeiramente a responder àquilo que tenho que viver. E é ali que aparece – como uma surpresa – o que é o essencial. Senão, nós já definimos o essencial, e então já não é um facto que volta a acontecer diante dos meus olhos, com o qual, a certo ponto, me canso de repetir, não cresce o espanto da descoberta contínua, não reacontece a surpresa por aquilo que é verdadeiramente o essencial.

É mesmo verdade que eu descubro o essencial na vida, vivendo. Em relação a isto, impressionou-me muito um texto de Giussani, que citaste nos Exercícios: «O pensamento mais belo a que me abandono de há muitos meses a esta parte é a imaginação do primeiro alvoreço no coração que a Madalena sentiu e este alvoreço no coração não foi: “Vou largar todos os meus amantes”, mas foi o enamoramento de Cristo. E para Zaqueu o primeiro alvoreço no coração não foi: “Vou dar todo o meu dinheiro”, mas é a surpresa apaixonada daquele homem». Eu descubro o que é o essencial porque é aquilo que mantém o meu coração desperto, ou seja, aquilo que o torna vivo em todas as coisas. Quando li esta frase, quando a voltei a ouvir e a reli, dei-me conta da diferença de Cristo em relação a tudo o resto. Porque tudo o resto me pede para mudar, e eu mesma peço a mim para mudar; e, pelo contrário, dou-me conta de que a minha exigência não é uma mudança (como don Giussani diz a Madalena: Vou deixar todos os meus amantes”), mas é este alvoreço do coração que me torna viva. E isto é para mim o essencial, porque está lá tudo. E impressionou-me a referência à gratidão: de facto, eu dou-me conta que “peço contas” à vida, às circunstâncias, às pessoas, quando não vivo, quando não está presente este alvoreço do coração, quando não vibro. Em suma, quando o coração não vibra eu não sou grata. Porém, o fundamento da gratidão, o fundamento da mudança, o fundamento de tudo é este alvoreço do coração, e eu tantas vezes parto com a ideia de que devo mudar, e empenho-me muito nisso, desperdiçando todas as minhas forças.

A observação muito pertinente de don Giussani, que nos move radicalmente se a encarmos de frente, é que a primeira preocupação não é a nossa incoerência, não são os nossos caprichos; ou seja, a primeira coisa não é que eu tenha que mudar alguma coisa. É como quando uma pessoa está apaixonada, aquele pensamento volta, aquela presença volta a impor-se e volta a chamar, e chama, e não podemos tirá-la de cima de nós. Então, é aí que nos damos conta de que aconteceu alguma coisa de diferente, de único, porque tudo o resto são variações sobre o tema: «O que devo fazer? O que devo fazer?». Por isso, parece-me decisivo que nós tomemos esta passagem de don Giussani (que foi – digamos – a origem dos Exercícios, o ponto do qual parti para desenvolver o

percurso) como critério de juízo sobre qualquer tentativa nossa de identificar o essencial. Porque dizendo estas coisas, ele faz-nos mexer a todos. Tanto é verdade que nós fomos levados, sem nos darmos conta disso, a voltar à questão de se somos ou não capazes de o viver, e não ao espanto. Por isso releio-o: «O pensamento mais belo a que me abandono de há muitos meses a esta parte é a imaginação do primeiro alvoroço no coração que a Madalena [...] [que] não foi: “Vou largar todos os meus amantes”, mas foi o enamoramento de Cristo». Trata-se de ficarmos agarrados, de estarmos fascinados. Porque a primeira coisa que uma pessoa percebe quando acontece alguma coisa de significativo, de relevante – diferente de qualquer outra coisa –, é que este facto volta e uma pessoa não pode abandoná-lo, não porque decide não o abandonar, não graças a um esforço, mas porque se impõe. Por isso *don* Giussani surpreende-se abandonado – diz ele – há tantos meses a este pensamento. Se uma pessoa fizer a comparação entre o que lhe aconteceu a si desde que ouviu isto e a experiência de *don* Giussani, começará a perceber o que significa fazer Escola de Comunidade. Eu surpreendo-me vendo alguém à minha frente que me diz estas coisas e faço uma comparação com aquilo que me vem à cabeça, com aquilo que eu faço, com aquilo que me preocupa a mim, com aquilo que me bloqueia ou me determina. Sem nos abandonarmos a este deixar prevalecer aquela Presença, tudo se reduz a uma tentativa nossa. Mas se somos tão mal feitos, como é que podemos pensar em sair desta situação com a nossa tentativa? É por isso que este texto me impressionou desde o primeiro instante: porque fala da natureza do cristianismo mais do que qualquer outra coisa. Que depois, é o mesmo conteúdo que encontramos nas duas canções do início: se O deixarmos entrar, o Inferno é eliminado. Aqui *don* Giussani oferece-nos um critério partilhando connosco uma experiência, como sugestão dum caminho para não nos deixarmos distrair com outras preocupações. E mesmo se nos deixássemos distrair por outras preocupações, podemos fazer memória e regressar e abandonarmo-nos de novo, até que a um certo ponto Ele prevaleça. Este texto tem um valor de método, de sugestão dum caminho que é crucial, como me escreve uma de vocês: «A coisa que me impressionou mais foi a questão do caminho de Pedro. No sábado de manhã descreveste o alvoroço do coração que terão sentido Maria Madalena e Zaqueu, que é idêntico ao alvoroço do coração que eu senti no início e depois tantas vezes quando aconteceu (por exemplo, precisamente no Sábado de manhã ao ouvir-te falar). E depois, de repente, começaste a descrever o caminho de Pedro: é preciso fazer um caminho. Senti-me movida, porque é mesmo verdade que muitas vezes o alvoroço do coração que sinto continuamente precisa de ser constantemente despertado. Sinto o conflito entre a experiência do alvoroço e o colocar-me diante do facto partindo da ideologia do cristianismo», ou seja, de reduzir o cristianismo – digamos assim – a um discurso. E por isso a pergunta é: mas o que é este caminho? *Don* Giussani responde através do seu testemunho: abandonando-se. Qualquer que seja o ponto de partida, regressa-se ali, para aprofundar, para se dar conta cada vez mais, caso contrário não se é capaz de mudar de posição. A mudança de posição não é o resultado duma tentativa solitária nossa, mas sim do prevalecer deste abandono.

Há momentos disseste: «O essencial impõe-se». E isto é exactamente o que me acontece e me reaconteceu lendo estes primeiros dois parágrafos da lição de Sábado de manhã, porque quando se fala do alvoroço do coração e do caminho de Pedro não tenho dúvidas em identificar o que provocou um alvoroço do coração, a unicidade desta experiência, que me impressiona porque é uma unicidade que não é ofuscada pelo tempo que passa, não é confundida pelas muitas coisas que acontecem na vida, pelos muitos problemas, pelos muitos desafios, pelo remoinho de situações, de pessoas, de satisfações ou de dificuldades. E impressionava-me, em especial, porque de facto é uma

coisa que se impõe por si mesma. Há uma frase tua que descreve bem o que nos acontece quando este alvoroço do coração é real, diz: «Uma presença que não só não extinga a saudade, mas que a ateie, que reanime o desejo de estar com ela [...] [não basta um olhar qualquer] não basta o do marido ou o da mulher, e nem sequer o dos amigos. É preciso o olhar duma presença capaz de estar diante de todos os desafios [...]. É preciso uma relação que não extinga o fogo da saudade, mas o acenda» (p. 17 – da versão italiana NDT). Creio que esta seja precisamente a experiência e o método que tu indicas, ou seja que estamos no meio das coisas, e distraímos-nos também bastante, também na feira popular (para voltar ao exemplo que deste), mas há uma saudade que reemerge e com a qual o essencial se impõe de novo.

A saudade é o primeiro sinal de que nos aconteceu algo de essencial. Porquê? Porque não posso viver *sem*, porque volto, não porque tenha passado a ser melhor, não porque eu consiga fazer tudo bem, não porque de repente tudo funcione de acordo com os meus desejos, mas porque nada disto consegue deslocar-me daquilo que prevalece. E isto vê-se na saudade, que não se apaga, mas se inflama. Cada embate da realidade, cada situação, cada solidão, cada desgraça, cada coisa, é como deitar gasolina no fogo, acende a saudade. Não é que todas as dificuldades a apagam, pelo contrário, as dificuldades são ocasiões para reconhecer a verdade e o alcance do que aconteceu. Qualquer coisa que seja acende, ateia mais a saudade daquela Presença. Pelo que não serve de nada opor todas as dificuldades da vida como sinais e razões para não fazer prevalecer aquela presença. De facto, quando sucede um encontro assim, qualquer embate, qualquer dificuldade, belos ou feios que sejam, o único efeito que têm é acender, é atear a nostalgia. É verdadeiramente uma outra coisa, o cristianismo é uma outra coisa! E nós começamos a ver que aquela Presença é absolutamente única, tem um traço inconfundível que não consegue extinguir a saudade, mas a inflama constantemente, seja o que for que aconteça. Por isso uma pessoa agarra-se-lhe cada vez mais. As dificuldades da vida não a apagam, mas cada coisa a acende, acende-a mais. Escreve uma pessoa: «Tu dizes para ver na experiência onde está o essencial. Isto é o que me acontece: há já dois anos que estou a viver no estrangeiro, e a maior parte do meu tempo é passado entre pessoas a quem não interessa quem é Cristo [podia ser um motivo para deixar estar, tendo até uma justificação: “Estou sozinha, quem é que mo recorda?”]. Passo os meus dias com eles e dou-me conta que muitas vezes entre nós não há diferença [não é que isto a iluda, tantas vezes entre eles não há diferença]: fazemos as mesmas coisas, preocupamo-nos com as mesmas coisas. E neste remoinho, quase me esqueço de Jesus [quase: tudo está neste “quase”]. Jesus não é o essencial, mas vem depois, depois da universidade, depois do jantar, depois de todas as coisas que tenho para fazer; e depois ao fim do dia rezo as minhas orações. Mas mesmo deste modo Ele permanece sempre. Mesmo se muitas vezes ando distraída ou receosa de falar d’Ele diante de todos, eu [eu!] tenho a percepção de ser fisicamente a única pessoa que sabe quem é Jesus no meio dum mundo que não O conhece. E isto não me deixa tranquila [que isto seja real comprova-se no facto de que isto nunca a deixa tranquila]. Esta é a percepção mais essencial que tenho nos meus dias, até nos momentos maiores de distração é isto o que prevalece: que a minha vida não pode ser arrancada de Jesus». Escreve uma outra amiga: «Queria só contar-te como para mim é importante neste momento descobrir cada vez mais evidente na minha vida a fidelidade de Deus [que é uma outra modalidade de dizer qual é a característica deste evento único]. Eu percebo que Ele me tomou desde o Baptismo e me trouxe até aqui através da história do Movimento, ou seja é inegável que tenha feito crescer aquela semente de graça que é a Fé, mas é como se agora tivesse havido um revés, como se tudo fosse mais difícil, obscurecido, menos imediato, de modo que requer toda a minha energia para ser

redescoberto. No fundo eu pensava como Santo Agostinho que, tido duma vez o *imprinting* da Fé, tudo fosse fácil. No entanto digo: graças a Deus não é assim [graças a Deus não é assim: porque se tudo fosse fácil, o embate da realidade e os desafios com que a vida me provoca não contribuiriam para me dar conta de qual é a diferença]. Depois dum primeiro momento de absoluto desnorte, dou-me conta que o que me faz caminhar é antes de mais a Sua fidelidade incansável [a Sua, não a nossa: é Ele que tem a pretensão de ser fiel, Ele!], que para mim é um juízo de que já não me posso desfazer. Dou um exemplo banal, mas para mim é impressionante. Trabalho no bloco operatório e operaram um meu familiar com uma intervenção importante. O meu primeiro movimento foi de orientar tudo da melhor maneira de modo que estivesse nas melhores mãos possíveis, mas quanto mais fazia tudo isto, mais me dava conta que não bastava, que a minha alma não se aquietava, pelo contrário, a ansiedade crescia. Então pus-me a pensar o que poderia faltar a tudo isto e dei-me conta de sentir uma tremenda saudade do olhar cheio de paz que sempre vi nos meus amigos mais caros. E então pedi-lhes que rezassem uma oração antes de mais por mim, para que não estivesse só naquela circunstância, ou seja que pudesse ter experiência da companhia de Cristo que é a única que dá paz [uma pessoa pode estar tomada por tantas ansiedades, ma não se pode livrar daquela saudade de que teve experiência, que a plasmou]. Não é por uma camaradagem que lhes telefonei, mas por um juízo inextirpável, por uma saudade [o que parece a coisa mais frágil, menos concreta, é na realidade a coisa mais concreta, mais determinante da vida], a mesma que experimentei diante do Papa em Roma, que me fez perceber como aos quarenta anos fosse impressionante em mim o desejo de aprender, talvez mais que aos dezoito. Eu estava ali porque ninguém mais do que eu precisa de aprender a perceber a realidade, e o instrumento é precisamente uma escola, a Escola de Comunidade. Descobri-me grata como há muito tempo não o estava. Estes são momentos de luz de que se fala a propósito da conversão, que não te tiram a dificuldade, que ainda é tanta, mas tornam fascinante o caminho, certa de que tudo está cheio da Sua fidelidade. Verdadeiramente posso dizer: o que seria da minha vida se não pudesse mais voltar a ouvir novamente as Suas palavras?». Por isto quando nos encontramos diante dos desafios, é ali que devemos regressar, como me escreve uma outra pessoa: «Na passada Escola de Comunidade as primeiras pessoas que intervieram testemunharam que os Exercícios foram para elas um acontecimento. Para mim não foi assim. O que levei para casa é que uma pessoa só pode reconhecer Cristo como resposta à sua necessidade se for até ao fundo da sua necessidade. E a primeira reacção que tenho diante disto é de dificuldade porque percebo que devo fazer um trabalho sobre mim, um trabalho que nem sequer sei bem em que é que consista. Desculpa a minha cabeça dura! Sei que não nos dizes outra coisa desde há anos, mas eu ainda não percebo. Tu, comentando as primeiras intervenções, disseste: “Cristo torna-se potentemente presente, não como um pensamento [...], mas pelo acontecimento que Ele é [...]. Cristo é algo que acontece [...]. Não há outro método. É o reacontecer daquele acontecimento [...] que devemos pedir; e devemos constantemente retomar consciência disso na memória” [e portanto não é antes de mais uma dificuldade, ao contrário do que diz!]. Por isso peço-te que me ajudes a perceber o que é a consciência da memória. Queria que me ajudasses a perceber melhor este ponto, porque não é que isto não me tenha acontecido, por isso creio que se percebesse melhor o que quer dizer retomar consciência da memória, não estaria sempre a voltar à estaca zero». E o que quer dizer retomar consciência da memória? O que faz *don* Giussani? Onde é que volta constantemente? «O mais belo pensamento a que me abandono há tantos meses...». A memória é isto, voltar a algo que se introduziu na própria vida, à Presença que nunca extingue a saudade. É por isso que não é um esforço; só isto é que não extingue a saudade, não

extingue o desejo; não é com a nossa tentativa que cresce em nós a consciência da necessidade, é Ele que constantemente nos torna conscientes da necessidade, que desperta em nós a saudade. A diferença é mesmo esta (como dizia uma intervenção anterior): que desperta o meu coração. E se eu percebi isto, não tenho mais nada que fazer senão viver a memória, mas dizer “memória” é um outro modo de dizer que prevalece a saudade. Que prevaleça a memória da Presença não consiste em recordar-me das coisas do passado; é aceitar, reconhecer, deixar-se arrastar de cada vez por essa saudade que não só não diminui por causa de todas as coisas da vida, mas que cada coisa da vida atea. Em vez de nos zangarmos com as coisas porque não nos bastam, temos a possibilidade de voltar uma vez após outra a essa saudade.

Nestas últimas semanas aquilo que mais sinto é um enorme pedido de significado que está presente em mim de um modo tão dramático que me sinto sufocar. Na realidade, percebo bem o que diz Leopardi nas suas poesias: que quando alguém tem em conta a própria experiência humana encontra uma distância entre aquilo que deseja e a realidade que não lhe basta. Eu tinha todos os instrumentos para redescobrir aquilo que agarrou a minha vida, que é a Escola de Comunidade, as relações de amizade, etc. Porém tudo me parecia uma consolação insuficiente e, por isso, talvez pela primeira vez, tenha desistido lamentando-me do meu limite, do meu esquecimento. Fazendo assim, cada noite que passava sentia-me pior e estava mais triste. Depois, uma noite destas, encontrei-me com o meu namorado. Ele, percebendo que eu andava triste já há algum tempo, disse-me: «O que te aconteceu? Por que razão já não és a mesma? O que te move?». Eu respondi com uma provocação não dizendo o que se estava a passar e esperava dele a habitual resposta com a lista de coisas certas que eu devia fazer. Em vez disso, olhou para mim e disse-me: «Porque não deixas que te queiram bem?».

«Porque não deixas que te queiram bem?»

Fiquei desconcertada porque ele disse apenas isto e eu perguntei: «É tudo? Não queres saber o que se está a passar?».

«Não fazes nenhuma crítica?».

Exactamente.

«Não me dás um sermão?»

Primeiro escandalizei-me, mas depois fiquei espantada porque, em vez disso, ele disse-me: «Não, porque é muito mais verdadeiro amar-te como Jesus amava Pedro depois da traição». Aquele momento foi, para mim, como o alvoroço que Maria Madalena sentiu no coração, porque me lembrei logo quando Jesus perguntou a Pedro: «Pedro, tu amas-Me?», e ele, como eu, cheio de limites, respondeu: «Sim, eu amo-Te». Naquele momento voltei a descobrir que aquilo que vence é o amor de outro que “queima as etapas” e que derruba a minha medida. No dia seguinte, li a primeira lição que não tinha ainda lido e foi incrível porque explicava melhor do que eu o que me tinha acontecido, quando falando sobre o canto dizias: «”Se eu me esquecesse do que é verdadeiro”, [...] de que precisaria? Que os teus olhos me recordassem» (p.16). A mim aconteceu-me assim, voltei a Cristo como Pedro, porque diante de mim estava alguém que me testemunhava aquilo que dá significado à vida: Cristo presente. Eu percebo bem que, como dizias, é preciso um instante de lealdade para deixar entrar de novo aquele olhar que eu já tinha visto e descoberto na minha vida. De facto, quando depois é dito que não basta o olhar do marido ou da mulher ou dos amigos mas «é preciso uma relação que não apague o fogo da nostalgia mas antes o acenda» (p. 17 – da versão italiana NDT), eu percebo bem isso porque o meu desejo, a minha pergunta não se apagou, pelo contrário, é ainda mais forte. Em mim prevalece também a gratidão:

«A gratuidade mais espantosa é que Deus se tenha tornado meu companheiro de caminho» (p. 18 – da versão italiana NDT).

Como se tornou Deus um companheiro no caminho? «Escrevo-te assim que acabei de ler a primeira Lição dos Exercícios. É comovente encontrar descrita uma experiência que toca tão profundamente aquilo que me parece decisivo para mim, sobretudo de algum tempo para cá. Sou estudante universitário e estou no estrangeiro já há alguns meses a trabalhar na tese de mestrado. Parti seguindo a paixão por aquilo que estudo e o encontro com algumas pessoas, como sinais de um caminho para mim. Algum tempo depois fui confrontado com o facto de que toda a paixão com a qual parti não bastava para sustentar a vida aqui. Cada manhã acordava com um grande desejo de descobrir alguma coisa grande para mim, de trabalhar bem, de poder gozar ao máximo do tempo e dos encontros, mas depois de horas de trabalho, muitas vezes árido, dava por mim, frequentemente, cansado e triste [o sentido religioso não basta: “Percebo a vossa tentativa, nobre mas triste”]. E parecia-me que durante o dia, no meio de tantas coisas, não tinha acontecido a mais importante, como se o tempo passasse sem deixar nenhum rasto a não ser o cansaço. Até mesmo quando no laboratório acontecia descobrir alguma coisa, depois do espanto inicial o que dominava era a dúvida: mas, na realidade, que sentido tem fazer tudo isto? Será que vale a pena [pode-se chegar às perguntas radicais mesmo tendo partido com toda a sua paixão]? Não será este meu interesse [aquilo que parecia a coisa mais concreta] um beco sem saída? Percebia que o problema não estava nas circunstâncias, mas na impossibilidade de ver as coisas com verdade [o significado das coisas não é um acrescento, como o chapéu que é preciso pôr em cima das coisas para que se tornem adequadas, não, é que sem significado eu não vejo as coisas; quando dizemos que “a educação é introdução à realidade total”, é porque sem chegar até ali, a realidade não tem interesse]. Tudo aquilo que acontecia era uma sucessão de eventos, onde nenhum esforço ou propósito meus conseguiram encontrar algo que me desse paz. Falando ao telefone, uma amiga desafiou-me dizendo: “Deves descobrir ali de que coisa tens verdadeiramente necessidade, é uma coisa diferente daquilo que tu já sabes, deves ir ao fundo das coisas”. A minha situação não mudou de repente, mas passei a iniciar o dia com o pedido de conseguir colher, caso acontecesse e onde acontecesse, qualquer coisa de ajuda para mim. Pouco a pouco, houve um ponto que começou a revelar-se cada vez mais interessante. Todas as semanas, à quarta-feira à noite, ia à Assembleia das Escolas de Comunidade dos universitários, que até aquele momento tinha suscitado em mim muitas objecções [quando uma pessoa não está consciente do verdadeira necessidade, tudo é objecção]. Chegava quase sempre com o peso do cansaço, mas de cada vez acontecia o imprevisto: alguém que contava a sua experiência, uma pergunta que era colocada, um sublinhado em relação ao texto, havia sempre alguma coisa que tocava um meu interesse profundo. Houve um facto particularmente esclarecedor: uma noite, ao jantarmos juntos como de costume, uma rapariga perguntou-me: “Como estás?”. Eu decidi não mentir e disse que, de há uma semana a essa parte, parecia estar completamente vazio, parecia não ter em mim nenhum sinal da necessidade ou da pergunta de que fala sempre *don* Giussani, trabalhava mecanicamente, ao almoço com os colegas não falava, em casa tudo me era indiferente. Ela respondeu-me com uma grande calma: “Não, não é verdade que estás vazio. Podes estar apenas cansado. Caso contrário, porque dirias isto? Não te dás conta que estás já a pedir?”. Fui obrigado a reconhecer que o olhar que ela tinha sobre mim era mais verdadeiro, mais completo do que o meu, apanhava aquilo que eu sou na profundidade. Não senti uma euforia sentimental particular, mas aquilo que me impressionou é que, pouco depois, voltando para casa de metro, observando uma pessoa encostada à janela, entre as muitas com quem todos os dias nos cruzamos, dei por mim a pensar: como seria bom que também

esta desconhecida pudesse descobrir o valor que tem, que pudesse dar-se conta que é uma criatura querida agora, tal como é, com aqueles olhos e nariz; todo o seu ser grita por Um que a faz e que me faz a mim agora. Estava em paz diante da evidência de uma Presença maior do que todo o meu vazio [posso olhar o fundo dos teus olhos claros e desaparece todo o inferno, se eu descubro ali o ser; posso olhar para uma pessoa que nunca tinha visto e diante da evidência da Sua Presença que a está a fazer agora desaparece o meu vazio]. Mas se, durante semanas, nenhum esforço me tinha permitido olhar a realidade com um mínimo desta verdade, o que tornava isso possível naquele momento? Não podia deixar de voltar ao jantar com aquela amiga e aquele olhar de tal modo correspondente àquilo que sou. Há um ponto na realidade onde eu volto a ser eu mesmo, um ponto que não é passível de redução à minha capacidade ou à de certas pessoas, mas que acontece, é inconfundível: é Ele que acontece. Agradeço-te pelo percurso que estamos a fazer. Responder à pergunta: «Quem é Jesus?», tem significado, a cada passo, descobrir na realidade aquele ponto que é essencial para viver com toda a necessidade que tenho, com o qual é possível voltar a olhar para mim e a olhar para as coisas como plenas de significado, como lugar da minha relação com o Mistério. Pouco a pouco, o escândalo pela minha incapacidade está a dar lugar à gratidão por uma Presença real à qual posso voltar para ser novamente agarrado e educado. É surpreendente para mim ver crescer o desejo de partilhar esta vida com todos, a começar pelos meus colegas. Cada vez mais vejo-me a estar junto deles, a partilhar as mesmas urgências, as mesmas perguntas e também a mesma escuridão de certos momentos, e na relação com eles apercebo-me cada vez mais da novidade do olhar de Cristo [exalta-se a diferença do olhar de Cristo], que não reduz nenhum aspecto do nosso humano. E dou-me conta de que o trago comigo não é uma bandeira a agitar diante dos outros mas sim uma possibilidade para mendigar, dentro dos desafios que a realidade apresenta, dentro da confusão em que às vezes estou, aquele olhar inconfundível que abraça tudo aquilo que sou e que revela a positividade das circunstâncias. Isto, também através de pequenos sinais, é fonte de novidade. Mais do que me tornar perfeito, a minha urgência é de poder viver com aquela inquietação que estou a aprender que é o grande recurso para procurar o Seu olhar». Alguém que vê redespertar a inquietação, que vê redespertar o desejo, descobre que o grande recurso para procurar o Seu Rosto é a nostalgia que não lhe dá tréguas. Por isso, quanto mais vivemos assim, mais tudo se torna verdadeiramente companhia, até mesmo as eleições.

O folheto sobre as eleições europeias fez vir ao de cima uma atitude que eu tenho, desmascarou uma atitude que eu tenho sempre. Em particular, quando tu nos recordas que “É, se opera”, a minha grande objeção é que se a mudança que eu vejo em mim, que é real, não produz na realidade uma mudança posterior, de facto não aconteceu, caso contrário, ver-se-ia. Quando Cristo acontece vê-se. E por isso, eu estou permanentemente em luta, mas, no entretanto, dou-me conta que os desafios que a realidade nos propõe, quer os pessoais, quer os sociais e políticos, não esperam que eu esteja pronta. Portanto, encontro-me a procurar criar um equilíbrio entre o ativismo e o ascetismo. Ativismo porque diante de certas situações, diante de uma certa mentalidade que se torna violenta, apetece-me ir para a praça dizer a todos que estão enganados, fazer barulho para não me render a certas injustiças, apetece-me fazer encontros, criar grupos para difundir o que é realmente a verdade, o que diz a Igreja. Enquanto, por um lado, me lançaria de corpo e alma, no empenho social, ao mesmo tempo, digo-me que a minha esperança não pode ser colocada na revolução, no empenho político ou nas campanhas culturais. Por isso, puxo o travão de mão, empenho-me mas não demasiado, para não cair no risco do ativismo e entretanto corro

em direção àquilo que deveria ser a minha salvação – não o “fazer” – mas procurar viver a minha vida, viver eu o cristianismo em primeiro lugar porque – repito muitas vezes mas sem acreditar nisso – isso incide na história, mais do que as grandes batalhas, e uso isso como alibi para não me empenhar verdadeiramente. E parece-me mesmo que procuro um equilíbrio entre as duas dimensões para ser feliz e para ser o mais possível fiel ao movimento. Mas não sou de facto livre, e aliás sinto-me mesmo presa, quando quereria viver tendo em conta todos os fatores sem excluir nada de mim e do mundo.

Alguém fez experiência de alguma coisa que o libertou?

Eu tenho residência no Sul, portanto para votar devo fazer, de propósito, uma longa viagem. Por este motivo, visto que é complicado do ponto de vista logístico, por algumas situações que estou a viver, tinha arrumado o problema e decidido que não ia votar. Depois rodou um aviso no Grupo adulto em que era dada a indicação de dar precedência ao voto em relação a todos os outros encontros ou empenhos. E eu que tinha decidido não ir votar (não por coisas planeadas mas por outros problemas), tive de voltar a pôr em causa a minha decisão. E então retomei o folheto das eleições. E mais uma vez não tinha ainda colhido o cerne até ao voto; não é que não estivesse convencida com o folheto, mas tinha-o virado um pouco ao contrário: é tão evidente que a batalha é sobre os fundamentos, que eu posso participar de qualquer maneira, mesmo não indo votar. Mas tinha ainda uma última reserva pelo que fui reler toda a intervenção que fizeste a 9 de abril em Milão. E ali surpreendeste-me, porque em todas as passagens detalhadas que fazes, no fim chegas até ao voto. E assim consegui estabelecer o nexa que não estava a conseguir. Consegui estabelecer este nexa porque fiquei espantada, como diante de uma novidade absoluta, de uma coisa que ouvi tantas vezes: que o desejo último do homem sai da sua redução e redesperta-se num encontro, tanto que depois fui reler um trecho de don Giussani de O eu renasce num encontro. Espantou-me porque de repente, quando o li, não pensei nas eleições mas pensei nalgumas coisas que estou a viver, pelas quais esta perspectiva, este ponto de vista, me pôs de repente diante de algumas relações em que eu, para determinadas dinâmicas que se estão a jogar, estou toda orientada para as consequências e não para os fundamentos. E pelo contrário, pareceu-me absolutamente correspondente e verdadeiro repartir dos fundamentos, e percebo que isto não é automático, mas que é até a estrada mais verdadeira porque é aquela que respeita mais a minha natureza, isto é, repartir do fundamento último. E portanto eu posso apostar num critério assim, até ao voto pela Europa, como tu dizes: «Defender este espaço de liberdade para cada um e para todos é a razão definitiva para ir votar nas próximas eleições», porque esta batalha sobre os fundamentos joga-se no campo de uma relação.

Como reconheço os atores com maior autoridade no debate europeu, o que está em jogo nestas eleições é de tal modo crucial que a primeira questão é votar. A distância que muitos de nós sentimos – nós, apesar de tudo o que vivemos – e que sentem muitos dos nossos concidadãos, nós podemos ajudar a superá-la indo votar, exactamente porque a questão dos fundamentos é crucial. De outro modo nós não teremos a energia e as razões para nos movermos e por isso, procuraremos um equilíbrio – como dizia a penúltima intervenção – entre o activismo e o ascetismo, usando-o para não nos empenharmos até ao fundo. Trata-se de perceber que a verdadeira discussão é sobre os fundamentos, então a coisa tornar-se-á sempre mais concreta até nos mover no íntimo para ir votar e para continuar este diálogo na sociedade sobre aquilo que nos dissemos, que nos demos como instrumentos nestes tempos: o manifesto sobre a Europa e o texto

da *Pág. Um* da *Passos* de Maio. Através destes gestos, mais uma vez o Mistério não nos deixa decair, porque tantas vezes, quando ouvimos os avisos, pensamos que são como que os trabalhos de casa que nos damos enquanto organização celina. Nada de mais errado, porque isto não basta, como veem. Os avisos que propomos são gestos através dos quais, lançando-nos para o real, nós somos gerados. Porque só se uma pessoa toma em consideração um aviso, pode verificar que ele é absolutamente pertinente, concreto; o convite para estes gestos é a modalidade com a qual o Mistério não nos deixa afundar no nada e na indiferença total em que muitas vezes muitos caem. Por isso não é antes de mais para nos dar uma mão na organização, que seria uma redução absoluta dos gestos que nos propomos nos avisos. Todos os gestos que propomos têm um objectivo diferente, um só: a possibilidade de ser gerados, porque nos desafiam a pensar. É uma companhia que nos damos para sermos gerados, porque é impossível que uma pessoa, se lê o manifesto – como dissemos – sobre a Europa ou a *Pág. Um*, não encontre alguma coisa que o gera, é impossível! No fazer juntos certos gestos – se depois uma pessoa te desafia, pedindo-te as razões que tu deves dar – és gerado, e por isso tornas-te tu próprio. Se nós não nos damos conta da ligação que existe entre os avisos e o ser gerados, como modalidade da permanência de Cristo, da fidelidade de Cristo à nossa vida que nos gera, que se impõe constantemente, que não nos deixa tréguas, nós não colhemos o valor dos gestos. Porque estes são a modalidade com que reconhecemos de cada vez a piedade pelo nosso nada d’Aquele que nos gera e que nos diz: «Olha, se não queres acabar no nada ofereço-te isto, convido-te para isto». Hoje serão as eleições, amanhã será o Meeting, depois de amanhã o Banco Alimentar ou as Férias. Se uma pessoa ignora tudo isto, como poderá ver uma carne que o gera? Seremos nós a devernos gerar com todas as nossas tentativas, com todo o nosso esforço, com a nossa energia. E nós sabemos já que resultado é que isto tem.

O primeiro aviso tem a ver com a Escola de Comunidade, exactamente para não decair, para introduzir-nos, como fizemos hoje, a este olhar sobre as coisas, sobre o real, a partir daquele evento, daquele essencial que se impõe e que te faz olhar tudo de modo diferente. Por isso o conviver com ela, como dizia *don* Giussani: «É o mais belo pensamento a que me abandono de há tantos meses para cá...», é aquilo que gera: a Escola de Comunidade é uma convivência, não um ler e basta, é uma convivência à qual uma pessoa se abandona, na qual uma pessoa se emerge. Por isso retomaremos a primeira lição, porque estamos ainda a começar o trabalho e continuamos a trabalhar sobre esta lição.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira 18 de Junho às 21:30.

Eleições europeias. Aproveitemos estes poucos dias antes das eleições de 25 de Maio para encontrar as pessoas e para lhes dar a conhecer o juízo que expressámos, exactamente para não perder esta possibilidade de ser gerados, como dizíamos antes.

Recolha extraordinária do Banco Alimentar. O Banco Alimentar, juntamente com outras associações, organiza no Sábado 14 de Junho uma Recolha extraordinária de alimentos para fazer frente a uma emergência particular de pobreza. Qual é a razão desta Recolha extraordinária? Porque aderimos a este apelo? Tendo-se criado um buraco de alguns meses na distribuição das ajudas fornecida às instituições públicas, para os mais pobres daqui até Outubro apresenta-se uma verdadeira e própria situação de carestia. O Papa falou disto publicamente, apelando a um empenho extraordinário para a ajuda aos pobres e aos que passam fome, e não foi um convite genérico, porque se referia exactamente à situação descrita. Façamos nosso este apelo, porque nos parece

justo envolvermo-nos conscientes da urgência da situação, Por isso convido-vos a aderir à Recolha extraordinária pela mesma razão educativa, com o mesmo empenho e paixão com que vivemos aquela que habitualmente decorre em finais de Novembro. Provavelmente a Recolha será feita em menos supermercados porque a coisa foi organizada um pouco à pressa, mas há seguramente a necessidade da disponibilidade de todos, por isso convido-vos a entrar em contacto com urgência com os amigos do Banco Alimentar. Para informações e maior detalhes podem contactar Federico Bassi: bassi@bancoalimentare.it.

Procissão do Corpo de Deus. A participação de todos nós neste gesto simples, é o modo como mostramos a nossa pertença à única Igreja. É um gesto simples – a Eucaristia exposta em público, diante de todos –, vivido cada um na sua própria diocese com o Bispo à cabeça, que tem um grande valor educativo. É uma proposta que nos ajuda a ter uma maior consciência da nossa pertença a Cristo e à Igreja inteira.

Férias da comunidade. No que diz respeito às férias comunitárias, antes de mais não as demos por adquiridas, como se fossem um rito que se repete cada ano. O pior que pode acontecer entre nós é que se insinue este formalismo, pelo qual damos tudo como óbvio. Recordemo-nos sempre que cada coisa que passa através da liberdade é sempre um novo início! Quem trabalhou sobre o tema das eleições poderá perceber porque é que o voto não é de facto óbvio. Por isso, desafiarmo-nos sobre uma circunstância como as eleições, desafiarmo-nos sobre as razões da Europa, é uma educação para não darmos como óbvias as Férias. Não as demos como óbvias, porque desapareceriam da nossa consciência. Então perguntemo-nos porque fazemos as Férias, perguntam-no também aqueles que têm dificuldades, objecções, problemas económicos; porquê? O que queremos comunicar? O que queremos viver juntos? Porque julgamos este momento decisivo? A questão é se nós aproveitamos este gesto para comunicar alguma coisa da beleza e letícia que vivemos e se nos ajudamos também nós a vivê-la. A um amigo novo que vem connosco o que gostaríamos de mostrar? O que gostaríamos que encontrasse e do que queremos que pudesse fazer experiência? Então os passeios, um momento de testemunho, a apresentação de um livro, um diálogo sobre qualquer coisa que interessa, a Missa, as Laudes, o *Angelus* tornam-se uma ocasião na qual uma pessoa pode ver as Férias como paradigma da vida.

Veni Sancte Spiritus